

DESMUNDO: O COTIDIANO DA MULHER NO BRASIL COLONIAL. UMA ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA.

Diovana Ferreira de Oliveira¹
Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí
Graduanda
diovana18@hotmail.com

Resumo

Brasil Século XVI, o destino de algumas órfãs da metrópole portuguesa é o 'novo mundo'; enviadas pela Rainha Dona Catarina para desposarem os primeiros colonizadores. A partir da adaptação cinematográfica da obra de Ana Miranda, lançada em 2003 com a direção de Alain Fresnot, esse trabalho pretende mostrar como as relações sociais, a Igreja, o Estado e a família, intervinham no destino e no cotidiano dessas mulheres. Além disso, analisar-se-á sua contribuição enquanto sujeito histórico nessa primeira fase da História Colonial Brasileira.

Palavras-Chave: Gênero, Colônia, Cotidiano, Cinema.

Abstract

Brazil XVI century Sent by the Queen of Portugal, D. Catarina, the destiny of some orphan from the Portuguese metropolis is to get married with the first settlers. From the cinematographic adaptation of the book written by Ana Miranda, premiered in 2003 and directed by Alain Fresnot, this communication intends to show how the social relations, the Church, the State and the family act in the destiny and in the daily lives of these women. Also, intends to analyse their contribution as a historical subject in this first phase of the Brazilian Colonial History.

Key-Words: Gender, cologne, daily, film.

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas de quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do pecado (NÓBREGA, Padre Manoel da, 1552 apud MIRANDA, 2003, p. 9).

Os primeiros anos da empresa colonial na América Portuguesa caracterizavam um ambiente de grandes desafios e novas experiências para todos que aqui aportavam. Da mesma forma foi para as mulheres que aqui chegaram pré-destinadas a constituir família de acordo com as exigências da Igreja. De acordo com o fragmento acima, podemos averiguar determinadas características inerentes a essas mulheres, padre Manuel da Nóbrega solicita que elas sejam brancas, 'puras' e obedientes. Na Europa católica e no Brasil daquela época, a mulher era considerada objeto posse, de prazer (que somente o homem deveria sentir, pois, o prazer da mulher estava ligado ao pecado) e de procriação, nesse sentido a união com a mulher branca e pura significava a pureza da 'raça' e também a prova incontestada de temor a Deus indispensável a um bom cristão.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí. cursando o 5º período do curso de Licenciatura em História.

Em Portugal, durante o período moderno, as principais confrarias eram destinadas à assistência de adolescentes pobres e órfãs. O principal objetivo era evitar que estas jovens se perdessem e vivessem em pecado aos olhos da Igreja Católica. Atribuía-lhes a elas dotes para o casamento ou para a profissão religiosa. No legado da obediência elas eram encaminhadas para a vida social.

Estas casas destinavam-se a raparigas órfãs, porque a preocupação com estas meninas era muito grande. Sem pai que as guardasse e impusesse respeito, estas crianças estavam mais desprotegidas e considerava-se que se podiam perder mais facilmente. Tornava-se, portanto, urgente, recolhê-las e dotá-las para que se tornassem mais atractivas no mercado matrimonial. As Misericórdias guardavam estas mulheres, fechando-as do mundo e depois colocavam-nas na sociedade já casadas (ARAÚJO, 2008, parágrafo 27).

Por volta de 1552 essas jovens começaram a ser enviadas para o Brasil para preencher a função matrimonial desposando os senhores de bem e, a partir daí, vieram várias ‘cargas’ de mulheres. A participação feminina na empresa ultramarina se revelava nas relações de gênero de uma cultura *androcêntrica*² e na defesa do catolicismo contra a propagação da Reforma Religiosa. A mulher serviu para a colonização como complemento e preenchimento demográfico do novo território. Para Mary Del Priore (1993), as relações de gênero serviram para a construção de estereótipos que estiveram presentes no cotidiano colonial e que mais tarde estariam presentes na historiografia determinando uma maneira de ser mulher brasileira. A diferenciação étnica da mulher determinava sua respectiva função social no Brasil colonial. Enquanto a nativa e, mais tarde, a negra contribuía com o corpo e o trabalho a mulher branca trazia da metrópole o modo de viver e a maternidade que garantia o alvor da pele.

Ao buscar subsídios na Nova História Cultural, o historiador de hoje se depara com muitos desdobramentos deste paradigma que surgiu com o esgotamento dos modelos globalizantes, como exemplo a história do cotidiano, a história das mulheres e a micro-história, que começaram a ser consideradas a partir da análise da cultura. Carlo Ginzburg (1986, p. 16) afirma que a cultura é “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprio das classes subalternas em um certo período histórico”.

Diante do conceito de representação proposto por Roger Chartier (1990) é possível interpretar um objeto ou fato num dado momento da história e, além disso, nos apropriarmos dele. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2004, p.40), “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um

² Sobre esse conceito ver: DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história da colônia*.

apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”. Como não é possível voltar no tempo, reviver um momento, essa é a forma mais provável de interpretar o **passado**, segundo Chartier, definido pelas interpretações que se remetem às determinações social, institucional e cultural. Em *Desmundo* (2003), a organização social, a hierarquia institucional que vai da Igreja à família estão, portanto, estruturadas na cultura Luso-brasileira durante o período representado e a interpretação dessa cultura passa necessariamente por documentos e fontes que se remetem a esse ausente.

Assim como a mulher, de acordo com Jaques Le Goff (1984 apud MORETTIN, 2007, p.12), a partir dos anos 1970 o cinema passou à categoria dos objetos que compõem o fazer histórico no interior da chamada História Nova; favorecido pelo lugar reservado a ele na obra de Marc Ferro: “a busca de uma realidade histórica permeada com reflexões sobre procedimentos que visam chegar ao documento autêntico está presente em toda a obra de Marc Ferro” (MORETTIN, 2007)³. Assim, a compreensão da representação da mulher brasileira pode ser apreendida pelo cinema.

O cinema se encaixa perfeitamente como ‘representação da representação’ e porta aberta à multidisciplinaridade, nesse sentido a obra cinematográfica se torna uma das ferramentas do pesquisador/professor de história na contemporaneidade. Entretanto, o auxílio do cinema no ensino de história deve estar associado a alguns pré-requisitos, primeiramente uma prévia contextualização do conteúdo a ser abordado com o filme, em seguida criar condições para que o aluno possa fazer relações interdisciplinares, diálogos entre fontes e conteúdo, e ainda diálogo das fontes com a própria historiografia. Por fim, despertar o pensamento crítico e aproximar a realidade do aluno com o que foi apresentado, fazer com que ele se sinta sujeito da própria história.

A obra cinematográfica de Alain Fresnot, *Desmundo*, é mais rica enquanto documento do que se possa imaginar, pois, além de abarcar lugar na ciência histórica, é uma adaptação da literatura para o cinema. O Romance de Ana Miranda possibilitou a representação do cotidiano do Brasil colonial a partir da perspectiva romântica e dramática da órfã Oribela (Simone Spoladore) ainda que este seja apenas um dos caminhos para a contextualização histórica.

O cinema destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre

³ O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro.

o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus 'lapsus' (FERRO, 1976, p.203)⁴.

Os descaminhos e as práticas ilícitas eram comuns na América Portuguesa. *Desmundo*, apesar de apresentar no centro do enredo o destino das órfãs e suas obrigações como mulheres, nos permite perceber todo o universo da colônia. Os índios escravizados em sua própria terra, os primeiros escravos negros, jesuítas oscilando entre o ofício cristianizador e a corrupção, os homens escondendo-se na própria crueldade, a fé dos judeus subjugada pela supremacia católica, aspectos econômicos, políticos, geográficos e lingüísticos (o texto foi traduzido integralmente para o português arcaico), enfim, são vários mundos, vários sujeitos que podem ser explorados, independentemente da intenção do produtor, é nesse aspecto que se encontra a singularidade do cinema como documento histórico, a imagem que fala por si só, isto é, o visível mostra elementos que vão além do recorte.

O cotidiano feminino, no Brasil do século XVI, vai além da solidão e da aversão de Oribela pelo casamento. Dona Brides, interpretada por Beatriz Segall, é a mulher do governador geral, acostumada com a vida na colônia e com a submissão feminina ela tenta instruir as meninas e averiguar suas virtudes para o matrimônio. O fato de não estarem na metrópole não as isentam de terem bons modos e saúde perfeita. Dona Branca (Berta Zemel) é uma personagem singular, mãe de Francisco de Albuquerque (Osmar Prado), ela vive fechada em sua amargura, esconde uma relação incestuosa com o filho da qual nasceu Vigilanda (Ana Paula Mateu) uma menina com síndrome de down.

O desmundo da personagem Oribela, acostumada com a vida de orações e a clausura do convento, se revela na chegada ao Brasil. Em Portugal sua vida já era assunto do Estado e da Igreja, o novo mundo era promessa de 'paraíso'. Contudo a nova terra se declara cruel selvagem e estranha. De acordo com Vânia Vasconcelos (2006)⁵ :

Às órfãs, (...) se sentem diante de grande martírio e pavor quando são apresentadas aos 'noivos', homens desgrenhados, brutos, feros, que lhes examinam como a animais e essa apresentação mercantil, que lhes merca os pendores domésticos, é feita pelos representantes da mesma Igreja que lhes ensinara a fé e que entendiam como lar no mundo; a mesma igreja que lhes prometera castelos e cuidados de rainha nas terras do novo mundo para trazê-las mais conformadas e sem choro. A fé, é a esta que precisam recorrer para suportar a pressa com que uns querem se livrar delas e outros as querem tomar.

⁴ O filme: *uma contra-análise da sociedade?*

⁵ Vânia Vasconcelos é escritora, mestra em Letras pela UFC e professora da UECE.

A personagem Oribela reage a todos estes infortúnios, ao ser apresentada a Afonso Soares D’Aragão (Caca Rosset) ela cospe em seu rosto, seu comportamento grosseiro, assegura Dona Maria (Débora Oliveiri), lhe renderá o desprezo de todos os homens do lugar. Para Oribela essa poderia ser a oportunidade de retornar a Portugal. Porém, o caminho para o novo mundo teve passagem só de ida. Que seria de Oribela? Ela se vê obrigada a casar com Francisco de Albuquerque e seguir com ele para seu engenho de açúcar, situado num lugar inóspito e distante da vila. Ali, Oribela se vê num mundo totalmente diferente do seu.

Ximeno Dias (Caco Ciocler) aparece vendendo quinquilharias, animais e escravos. Francisco manda a esposa escolher algum instrumento para bordar, tanto Oribela quanto Ximeno deixam transparecer um interesse mútuo. Francisco castiga Oribela e a violenta. Mais uma vez ela reage à sua condição e foge pela mata durante a noite. Pela manhã o marido recupera sua ‘propriedade’ que é acorrentada como um animal permanecendo assim durante dias, seu único contato com o mundo é a índia Temericô que cuida de seus fermentos com plantas medicinais. Toda a trama se desenrola a partir do conflito da jovem com o seu próprio mundo, no entanto o teor documental do filme se afirma constantemente. Ao adaptar o romance para a película Fresnot optou pela aproximação com o contexto histórico à fidelidade ao texto literário. Esse aspecto confirma a idéia de que a liberdade do cineasta de fazer escolhas não significa sempre ‘fantasiar’.

Francisco decide libertar a mulher, após o castigo a atmosfera que envolve o casal é mais serena e dá impressão de que Oribela finalmente conformou-se com a sua condição, ainda que não tenha desistido de retornar à Europa. A briga de Francisco com o padre por causa da posse de escravos evidencia o fato de que, ao lado de Francisco, Oribela estaria cada vez mais distante do Reino, pois ele se portava como selvagem e não se curvava às exigências da Igreja e do Estado.

Os jesuítas se apossavam dos índios capturados com o pretexto de catequizá-los e alfabetizá-los, assim a Igreja enriquecia tirando proveito das relações de padroado, além disso, a instituição religiosa tinha total controle ideológico sobre a vida social na colônia. Francisco caracterizava o perfil dos homens que viveram no Brasil antes da ocupação portuguesa, já estava acostumado ao modo de vida dos *brasis*, e seu núcleo familiar era bastante diferente do que mandava a etiqueta portuguesa. Ainda assim a aparência era algo necessário para que não fossem excomungados e Dona Branca prezava por isso.

Enquanto Francisco discute com o padre sobre a catequese dos índios, Vigilanda prepara roupas masculinas e algumas moedas de ouro, mais preparada, Oribela foge para a vila e vai ao encontro de Ximeno pedir que ele a ajude embarcar na próxima nau

que aportasse. No início, ele se nega, mas decide ajudá-la. Francisco vai à caça de sua 'montaria' apesar de seu comportamento rude, não está disposto a perder sua esposa, pois precisa limpar seu nome perante Deus e a sociedade, ter, então, um filho com Oribela, uma mulher branca e portuguesa, é uma possibilidade de ser perdoado por seu pecado (incesto) e poder sair da reclusão em que vive. Francisco não luta, desta forma, por seu amor e sim por sua honra masculina, social e religiosa.

Por dias Oribela fica escondida na casa de Ximeno à espera da nau enquanto o marido ronda a vila. Ali ela descobre que Ximeno era cristão novo⁶ mas ainda praticava a fé judia, a provável causa de ele viver no Brasil. Desde o século IV com a expansão do cristianismo como religião oficial os judeus eram perseguidos⁷. No século XV sob influência espanhola eles foram fortemente perseguidos em Portugal por se negarem à conversão cristã. Com a instalação do Tribunal do Santo Ofício em 1531, os cristão-novos que ainda guardavam os costumes ancestrais das judiarias passaram a se refugiar no norte da África, Países Baixos, Constantinopla e Brasil.

Oribela estava decidida a pedir abrigo em algum convento assim que chegasse a Portugal. Além das casas para órfãs destinadas aos casamentos, existiam misericórdias destinadas às mulheres viúvas, adúlteras enfim, talvez tivesse a chance de tornar-se ama de alguma senhora. Ximeno alerta que ela continuaria presa, já que as amas também viviam sob o jugo de outros. Aqui ou lá não seria ela livre, continuaria dona apenas das vontades, nunca das ações. Contudo, para Oribela, qualquer que fosse seu destino, seria melhor do que viver entre os 'selvagens'.

A notícia de que não chegaria nenhum barco nos próximos meses obriga Ximeno a levar a jovem para a América Espanhola, o que facilitaria seu embarque para o Reino, segundo ele, os espanhóis eram mais tolerantes. Oribela pergunta se Ximeno embarcará com ela, ele diz que não, pois sabe que em Portugal "*há muita santa força*". No final durante a fuga para o território espanhol Francisco os encontra, entre gritos e tiros Ximeno morre e Oribela é obrigada a retornar para o engenho com o marido.

Ser uma mulher considerada honesta no Brasil Colonial consistia em uma única tarefa: ela deveria espelhar o arquétipo do bom comportamento, abafando por completo sua sexualidade, para que a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesásticas não corressem o menor perigo (PIRES, 2001).⁸

⁶ Judeu convertido à fé cristã.

⁷ Carregavam a marca do maior crime da história – A crucificação de Cristo.

Todas as atitudes de Oribela revelam os anseios de uma mulher que resiste à submissão, seu papel fundamental numa sociedade movida por interesses mascarados na fé cristã. Os estudos sobre mulheres em condição de marginalidade e inferioridade social vêm ganhando espaço nos últimos anos. Nesse sentido a mulher do Brasil Colonial é algo único, agente que contribuiu tanto passiva quanto ativamente para a formação singular da sociedade brasileira. *Desmundo* aborda claramente essa ambigüidade entre resistência e resignação.

[...] A condição feminina na Colônia exigia medidas que integrassem ao processo de civilização de mores que ocorriam no Velho Mundo. Daí a necessidade de um processo normativo às mulheres coloniais. Elas deviam tornar-se esposas e mães, complemento do homem, ventre fecundo que assegurasse perenidade dentro do quadro do sagrado matrimônio. Como mães, tinham que se erguer como paladinas da difusão do catolicismo e do povoamento ordenado da Colônia. Ao contrário de gerar desclassificados fora das normas institucionais, que se concentrassem em parir súditos fiéis aos bandos dos governadores e às pastorais diocesanas. (PRIORE, 1993, p. 334).

A representação da mulher brasileira se originou num papel de subordinação e é notável que passados tanto tempo, ainda paire sobre ela tanta desigualdade. As relações sociais que envolvem mulheres são ainda carregadas de preconceitos pela questão de gênero. A igualdade de gênero deve ser trabalhada na escola, para reverter a cultura que aqui foi impregnada e o cinema é uma ótima forma de se realizar esse trabalho.

Bibliografia:

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. A assistência às mulheres nas Misericórdias portuguesas-séculos XVI-XVIII. *Nuevo Mundo*. Disponível no site: <http://nuevomundo.revues.org/index23482.html> Acesso em 09/07/2008.

CHARTIER, Roger. Introdução. In: _____. *A história cultural*. Lisboa, Difel, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

CAPELATO, Maria Helena; NAPOLITANO, Marcos; MORETTIN, Eduardo; SALIBA, Elias Thomé (Orgs.). *História e Cinema: Dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo, SP: Alameda, 2007.

⁸ Visões de mulher: o feminino entre a Colônia e a Metrópole. Texto elaborado a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica em História realizada por Lenita Verônica Pires, orientada pela Prof. Dra. Mary Del Priore e financiada pela FAPESP, durante a graduação da autora, entre novembro de 1999 e novembro de 2001.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, RJ: José Olímpio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 3 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2000.

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). *História: novos objetos*. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 202-203.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MIRANDA, Ana. *Desmundo*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

PIRES, Lenita Verônica. *Visões de Mulher: O feminino entre a colônia e a metrópole*. *Moda Brasil* – Universidade Anhembi Morumbi. Disponível no site:

http://www2.uol.com.br/modabrasil/leitura/visoes_mulher/index.htm Acesso em 15/07/2008.

VACONCELOS, Vânia. *Novos Mundos, eternas pelejas*. *Jornal da poesia*. Publicado em 05/2006. Disponível no site: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/vvasconcelos.html> Acesso em 15/07/2008.